

## *Vincent Rosenblatt por Joaquim Ferreira dos Santos*

O fotógrafo francês Vincent Rosenblatt circula há 15 anos pela periferia do Rio. Frequenta bailes funk na Zona Norte e grupos de bate-bola na Zona Oeste, celebrações do orgulho de negros e pobres. Postos à margem das benesses dos governos, esses grupos respondem com identidade afirmativa e não param de criar beleza a partir de suas origens históricas.

São territórios de festa, mas a música e a dança nas fotos de Rosenblatt regem-se pelo enfrentamento, pela discordância. A coreografia é de briga. A polícia pode chegar a qualquer momento e vai entrar atirando. O preconceito grassa. A imprensa nem sempre é simpática.

Cultura de resistência é o tema desta exposição. Nada de sorrisinhos dentifrícios, de platitudes bonitinhas e demais concordâncias com o que vai ao redor. Definitivamente, aqui ninguém cai na balela brasileira da convivência cordial entre os diferentes.

Rosenblatt teve acesso privilegiado a alguns desses “espaços de não-fotografia”. O resultado é este documento de grande ousadia estética, fundamental também para a observação de como se diverte uma parte da juventude carioca no início do século 21. Os corpos suados dos funkeiros, estátuas de poder sensual sob o calor dos trópicos, estão eternizados como verdadeiros manifestos individuais de liberdade de expressão.

Os Clóvis, os bate-bolas coloridos e sempre zunindo ameaçadores suas bexigas, ritualizam a catarse de uma violência que na vida real atravessa o país, o Rio de Janeiro e principalmente a Zona Oeste, de onde se originam.

Isto aqui é o Rio profundo, uma viagem de vanguarda visual pela realidade quase secreta da “cidade maravilhosa”, uma geografia de favelas e bairros abandonados pelo poder público. É o cenário por onde Rosenblatt se movimentou, com seu olhar de evidente solidariedade. Suas fotos imortalizam essas manifestações, quase sempre estigmatizadas, de imensa criatividade popular.

O funk, num de seus maiores sucessos, define-se como “som de preto/ de favelado/ mas

quando toca/ ninguém fica parado”. Todas as liberdades - sexuais, políticas, raciais - lhe interessam e são expostas nas festas.

Os Clóvis fazem um evento na contramão da alaúza alegre, da orgia de felicidade, do carnaval carioca. Eles são coloridos e mascarados, como outros personagens daquele período momesco, mas não tocam marchinhas - tocam o terror. Saem do meio de nuvens coloridas e, apitando frenéticos, batendo com as bexigas no chão, começam uma corrida de sustos que mais parece o estouro de uma guerra.

Clóvis e funkeiros participam da mesma revolta de afirmação cultural dos oprimidos - e, como se vê nessas fotos, não poderia haver um enviado especial ao front tão sensível quanto Vincent Rosenblatt.